

Elilson¹

uma escrita de mirada

a look writing

una escritura a la mirada

Resumo

Este é um texto experimental em torno das ideias de “escrita” e “coletivo” como ações perpassantes. Para levantar mais perguntas sobre esta hipótese, parágrafos concatenam frases proferidas por pessoas nas ruas, por horas de caminhada, numa ação performativa.

Palavras-chave: oralidade. grafocentrismo. performance.

Abstract

This is an experimental text around the ideas of “writing” and “collective” as pervasive actions. To raise more questions about this hypothesis, paragraphs concatenate phrases uttered by people on the streets, for hours of walking, in a performative action.

Key-words: orality. graphocentrism. performance.

Resumen

Este es un texto experimental en torno a las ideas de “escritura” y “colectivo” como acciones relacionadas. Para plantear más interrogantes sobre esta hipótesis, los párrafos concatenan frases pronunciadas por personas en la calle, durante horas de caminata, en una acción performativa.

Palabras llave: oralidad. grafocentrismo. arte de acción.

¹Elilson é artista, pesquisador e professor. Doutorando em Artes Visuais na Universidade de São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7131304554734472> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7974-6304> e-mail: elilson@usp.br

Este texto é um compilado de escutas. Ou, antes, uma experimentação em torno do caminhar – decidir – abordar – perguntar – escutar como um ciclo deflagrador de uma escrita que quer oralizar-se. Aliás, que é oral. Daí torna-se necessário, performativo, adicionarmos gravar ao círculo de verbos. Gravar como ato de distribuir a língua, inscrevendo a prática dialógica/enunciativa nas retinas, nos tímpanos, nas papilas olfativas, nos pés, no papel, no aparelho de som, na memória... Gravar como par sinonímico de escutar, ação de ouvir com atenção, estar consciente do que se ouve. Atenção que, nas entrelinhas, nas entre-escutas, já (pro)clama um transmitir, passar adiante, seguir contando, pensando em conjunto. Por isso, este texto certamente faz grupo com uma série de outros escritos, pensamentos, ações artísticas que, através de agentes em variados campos – artes da cena, artes visuais, linguística, literatura, performance etc. – estão perguntando: Como tornar a escrita menos grafocêntrica? Como liberar a palavra do peso arquivístico e da doutrina documental? Como tornar o escrever uma prática de ação coletiva?

Verbalizo “coletiva”, aqui, como uma palavra para formular mais perguntas sobre o ato de escrever na coligação entre tempo e espaço, oral e grafia, corpo-indivíduo e seus entornos geográficos. Coletivo como algo transitório: que reúne e registra caminhos que não se encerram em si, que estão sempre por se comple(men)tar, que miram para o instante-agora como presente que implica e duplica noções de passado e futuro. Melhor frisar: transitório, agora, aqui, está sendo pensado não como equivalente de efêmero, mas de perpassante.

Coletivo e escrita como noções perpassantes são práticas que unem corpo, tempo e espaço, são ações sempre em movimento, em porvir. Ou seja: escrita, aqui, aí, elaborada como um desejo de tessitura coletiva, de gestualidade que module tempo e espaço, que se abra aos atravessamentos e, portanto, não se coloque na tentação de servir de resposta nem mesmo às perguntas encadeadas mais acima neste texto, já que é consciente de que, em linhas gerais, há toda uma gramática a desnORMATIZAR; e de que, em linhas particulares, há um indivíduo a costurar uma experiência em texto, por mais múltiplas que sejam as vozes concatenadas.

Portanto, a ação, o trabalho em performance disparado no título deste texto será listado a seguir não como um gesto responsivo a essas questões, mas como uma experimentação que deseja praticar mais questões: seguir o fluxo perpassante. Trata-se de uma escrita de mirada também para um trabalho que desejo desdobrar futuramente, quando formos hábeis a nos relacionar fisicamente de novo, em segurança. Após este contexto genocida, de total desinteresse pela vida e pela morte que tem nos caracterizado como lugar de pertença ao aniquilamento, quero aproveitar a reconstituição das coisas e noções (públicas) para escutar, aos pés dos ouvidos, previsões e provisões sobre o Brasil. Imagino mesmo câmeras microscópicas nos meus ouvidos, produzindo um filme em que uma sucessão de línguas, lábios e dentes, no fluxo das ruas, salivem e enunciem, com tantos sotaques e velocidades, para onde querem que siga o coletivo, assim, via frases-disparos. Por hora, na redoma privada do meu quarto, nem um pouco protegida dos pavores e ansiedades públicos, tenho telefonado para DDDs aleatórios e efetivado a mesma pergunta: qual sua previsão sobre o Brasil? Quando saio às ruas, aproveito atividades como comprar, pagar, atra-

vessar, sacar, postar e distrair para indagar a mesma questão às pessoas desconhecidas com quem ligeiramente interajo. Também decido – em momentos de escuta afinada em aulas ou com o olhar cartografando os anúncios e discursos circulantes pelas ruas – que algumas frases entrem nesse bloco de miradas & miragens.

Agora, caminhemos: durante um turno e meio, em algumas dessas tardes recentes de 2021, em um dia simultaneamente frio e quente, transitei pelas ruas da região central de São Paulo abordando pessoas e coletando suas previsões. Estabeleci, antes, um critério: indagar pessoas que trabalham em pontos fixos na cidade, isto é, que trabalham justamente no meio do ir e vir, perpassadas pelo vaivém; ou pessoas que estão aparentemente em momentos de pausa na frente de seus estabelecimentos, repartições ou veículos. Interceptar, ainda, pessoas que trabalham de portas abertas, chamando ou esperando o público. Em todos os casos, o intuito era jogar a pergunta de supetão para quem já estivesse com o pensamento visivelmente ocupado. Em ato: 1. também fui interceptado por pessoas que geralmente passavam pelas conversas e decidiam saber com mais atenção; 2. Entendi que não precisava circunscrever a pergunta territorialmente: pela gravidade do momento, apenas “Qual sua previsão? Me conte uma previsão, a sua previsão?!” bastava para que, na maioria absoluta dos passos, se coletivizasse a respeito do Brasil; 3. Me recolhi da vontade de rebater opiniões, mas também apre(e)ndi a importância de diferenciar desejo de visão, e que esperar não é uma ação estática.

De modo geral, previsões foram verbalizadas. Mas entendo as recusas, justificadas por se tratar de uma pergunta “difícil” ou por “atrapalhar o serviço”, igualmente como respostas. Em raras vezes, a interpelação acionou maiores necessidades de entendimento na corralidade cotidiana: “Isso é pesquisa?”; “Você é remanejado do IBGE?”; “É coisa política?”; “Os jornais voltaram a fazer enquetes?”; “Para quê ou para quem você tá coletando essas frases?”. É pra vida mesmo. Quanto ao modo de interação, se não me trai a memória, a maioria das pessoas estava protegida com máscaras, de modo que pude ler formulações de pensamento e intensidade de articulações pela trinca olhos-sobrancelhas-testa. Muitas pessoas estavam sem máscara e, com o devido distanciamento, vi o fraseado se desenhar da projeção à voz também pelos lábios entreabertos, mordidos, dobrados, ou pelos tremores e muxoxos de bocas. Evidentemente, na presença ou ausência de máscaras, mãos flanaram pelo ar, se coligaram ao queixo; dedos coçaram cabeças com e sem cabelos; cinturas saíram do eixo; pés arrastaram no piso; pernas sacudiram e ombros balançaram só para ressaltar que se verbaliza de corpo inteiro: eis o trunfo da oralidade sobre o grafocentrismo.

Finalmente, por vozes: discorro um compilado de escutas, conforme anunciado no primeiro enunciado. Concateno aqui frases proferidas por agentes de saúde, anunciantes, artistas, atendentes, balconistas, bombeiros, catadores, chaveiros, comerciantes, costureiros, cozinheiros, engenheiros, entregadores, fazem tudo, floriculturistas, funcionários dos Correios, garis, gerentes, jornaleiros, mecânicos, microempresários, motoristas de aplicativo, operadores de copiadoras, orientadores de público, panfleteiros, pesquisadores, policiais militares, porteiros, professoras, profissionais da construção civil, profissionais do saneamento, profissionais do sexo, programadores, sapateiros, seguranças, taxistas, técnicos de refrigeração, traficantes e

zeladores. Agrupo suas previsões, algumas ditas em sequência e em círculo; outras, fragmentos de conversas que se estenderam para trás, para os lados e para superfícies múltiplas de cada um e cada qual, o que inclui falhas fonéticas de quem escuta – a pergunta ou a resposta.

Mas, antes, não me furto de partilhar ao menos uma mão e meia de cenas que se gravaram de modo mais intenso no corpo: um homem com máscara bordada com a bandeira de São Paulo e algodões enormes saindo das orelhas; um ônibus com o letreiro “Evangelismo” jorrando água e gasolina no asfalto; um senhor muito delicado me ensinando o significado de sua placa-trabalho: compra e venda de carros mesmo alienados; pedaços de cimento salpicando entre dedos que se esfregam para representar dinheiro; um mecânico que condensou a História do Brasil em pouco mais de cinco minutos sem piscar os olhos, nem mesmo quando jogou a ferramenta para o lado, fazendo com que meus olhos, sim, piscassem e desmanchassem no meu pensamento o palanque em praça lotada do qual ele emanava sua lucidez; camisa com os dizeres “Queen will rock you”, enquanto a poeira é varrida para a calçada; pá repleta de lama estacionada entre uma mão na calçada e uma mão na boleia para pensar no futuro. Esse cheiro, em certo sentido, acompanhou esta dramaturgia de visões antecipadas:

Nada mais parece tão longe. Você precisa viver um pouquinho o outro. Eu presencio muitas gentes. De uma animação a um poço escuro. A pista vai secar. Dar tudo que tem para entrar no reino dos céus. Um negócio tenso e muito parado. A verdade só dói. De uma televisão? Que o dia seja maravilhoso para todos nós. Já melhorou 200%, vai melhorar mais que 2000%. Vamos pensar o volume como tempo. Limpar o reflexo do rosto, tirar as manchas do espelho. É igual ao Detran: sai um rato, entra outro. Votar em ninguém mais. Você trabalha tanto e vira pó?! Para agora é desespero. Não enxergo perspectivas. O futuro é um medo caindo. Vamos pensar o volume com o tempo. Deus não vai destruir nada. Previsão incerteza. Que tudo dê certo. Quem tem, seguirá tendo. O Brasil é uma mãe. Eu não posso falar é nada, meu filho. Tem mãe morrendo, né? Tem futuro. O Brasil não merece nem uma frase. O meio entre caos e esperança. Os preços tudo aumentando. Sem tempo de ver imagens. Votar em ninguém, mas. A maioria vai haver coisas terríveis. A economia dos Estados Unidos vai quebrar. Uma cruz. Eu vejo um futuro parado. Andando sem criatividade. Um negócio muito tenso. Um peixe, que você coloca comida no anzol e ele créu. Vai melhorar e muito. A maioria vai é ver coisas terríveis. Se continuar como está, vai ser ainda melhor. Voltar é que não pode. Ouvir os loucos da Luz. Se tivesse vivido meu passado, nem perguntaria. Grelhando no forno desde 1964. Esta é uma pergunta cruel. Vai melhorar quando Deus destruir tudo. Incerteza é todo mundo incerto. Os leitos não diminuem. E tem futuro? Era para ser o melhor do mundo. Para, agora é desespero. Você pode limpar a boca do cano, mas é pra dentro que a coisa escorre. Vai direto! Os pobres vão morrer de fome. Logo, em breve, vai melhorar. Vai de reto? Estou muito desprevenida. Tá muito desarrumado. Guarda comida que vem guerra química. Ouvir os loucos, dá luz. Vou te contar daqui a um ano. Você vai brigar comigo: Bolsonaro 2022. A intenção é piorar. Sozinho não vai ser. O Brasil é um sextou! Vai voltar para trás. Com que recurso? Eu só digo com a câmera ligada. Todos

os políticos serão de um mesmo partido. Eu não quero participar disso, não. A revolução vem do lixo. Onde houver delegacias, vamos recuperar nossas casas. O Brasil pertence aos estrangeiros. O que você tá vendo além de esperar? Tem cliente chegando. No momento, eu não sei te dizer. Tem que deixar essas coisas na televisão. Ai, vai me pegar desprevenida. Tirar esse bosta. Tem que trazer as câmeras aqui. Vamos passar cola no Bolsonaro. Qualquer coisa. Não vai melhorar nunca. Faltará sangue nos olhos. Vai tudo morrer com fome. Brasileiro tem que cair pra lá. Se fosse falar uma frase, seriam várias. A hora que estourar o trem. Sempre bom como é. Confia no melhor porvir. O futuro sou eu que meço. Eu tava com outro foco aqui. Um viés de escuridão. Não temos nem um nome. Na minha opinião, tudo pra dar pra frente. Entender o que chamamos Brasil. Jovem, ame mais o país que a si. Vou estacionar meu carrinho pra pensar. Lá na frente ou amanhã? Quando o jovem acorda, já tá velho. Não entendeu. Desculpas por atrapalhar o caminho. Espero a grande revolução. A imagem é precária. As pessoas no semáforo são o prenúncio. Você vai ficar sem resposta. Terrível é falar que é ótimo. Tá vendo, tá lascado. Se a juventude for cabeça. Ainda vou ter meu carro. Em nível de melhora, nenhuma. Muita cachaça e pouca oração. Eu perdi as previsões. Uma palavra para falar de tudo é precária. O exército vai tomar de conta. Difícil de falar sobre. Mudar as cabeças dos retrógrados. Um lixo de discriminação. Uma imagem falida. Empresta tudo dos outros. Continua morrendo. Bota qualquer pessoa, não consegue tirar. Não tem pra onde correr. Fazer o pão, não depender. Só vai melhorar mesmo lá pra 2003! Anos problemáticos, imagens difíceis. Pessoas ecléticas, variedade de informações. Você espera algumas respostas. Se as imagens são engraçadas, a previsão não é boa. Previsão é reflexo. Abundância de pessoas. Me explica do porquê, primeiramente. Tudo evolui, vai piorar. Trabalhar e ganhar pela produção. Piorar não pode. Leite condensado é fermento com açúcar. Depois da corrupção, tudo melhora. Todo poder debanda do povo. Tem que olhar de um lado e do outro. Salário não sobe, gorjeta paralisa. A intenção do Brasil não é melhorar. A briga vai estourar pior. Prevalece a visão militar: muita fome. Toda a história contada é: falido. Os encargos são muito altos, meu anjo. Como se manter, abre aspas. É muita gente no ar. Tudo que vem pra ajudar, diz não. A população não tem culpa. Sem criatividade nenhuma. 2022, Lula vai ganhar. A maioria é incerto. Eu quase não vejo mensagens. Vai haver coisas terríveis. Afetar nossos países da América. Tirar é diferente de investir. É o fim do mundo. Só fazem dormir no patrimônio público. O que vem é o que já está. Trabalhando, responder é difícil. Previsão é como prevenir. Um acerto entre semelhantes. Começa na palma, termina na cruz. Só a gente não entendeu ainda. Provavelmente negativa. Desconsertado e vazio. Se não for uma igreja, é um bordel. Congestionamento de erros. Constelação de coisas desencarnadas. É sua essa frase. Vocês vão escrever com letra de sangue.